Presidente da Turquia com poderes reforçados — os turcos votaram "sim" no referendo sobre a reforma constitucional. Neste programa analisamos o impacto nas relações entre Ancara e Bruxelas

A Comissão Europeia vai investigar a nova legislação da Hungria sobre o ensino superior — milhares de estudantes saíram à rua em Budapeste contra o que temem ser um atentado à liberdade académica

Neste programa analisamos ainda a posição dos Países do Sul da Europa reunidos na semana passada em Madrid

Bem-vindos ao Magazine Europa,

O "sim" venceu no referendo de domingo na Turquia. 51 por cento dos turcos votaram a favor de uma reforma constitucional que reforça os poderes do Presidente do país.

Recep Tayip Erdogan, o actual chefe de Estado, fala num momento histórico para o país.

A afluência às urnas foi significativa — mais de 86 por cento dos eleitores votaram. A oposição rejeitou, no entanto, os resultados do referendo e disse que vai pedir a recontagem dos votos.

A reforma constitucional em causa estabelece um regime presidencialista na Turquia. A jornalista Olga Pereira, da Rádio Macau, explica o que vai mudar no país:

RM – Olga Pereira:
"As alterações à Constituição prevêem o desaparecimento da figura do Primeiro-Ministro. O Presidente passa assim a poder nomear os principais dirigentes do país, incluindo Ministros.

O Chefe de Estado da Turquia vai poder também nomear grande parte dos magistrados no sistema judicial turco, bem como decidir sobre a imposição de estados de emergência no país.
A reforma a que os turcos deram luz verde prevê a realização de eleições presidenciais e legislativas em 2019.
O Presidente do país passa a desempenhar mandatos de cinco anos, num máximo de dois. O que significa que, se Erdogan for vencendo as eleições, pode manter-se no poder até 2029.

Erdogan assumiu o cargo de Presidente da Turquia em 2014, depois de mais de uma década como chefe de governo.
O referendo realizou-se depois de uma tentativa falhada de golpe de Estado, em Julho do ano passado. Um caso que levou Erdogan e o governo turco a ordenar a detenção de dezenas de milhares de pessoas por suspeita de envolvimento. Mais de cem mil viram o emprego suspenso ou mesmo terminado.
Os apoiantes da reforma constitucional acreditam que a mesma vai trazer estabilidade e segurança à Turquia.
Os críticos dizem que é demasiado poder nas mãos de um homem só."

Ao telefone a partir de Bruxelas, está o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional baseado na capital belga.

Olá, Victor, Erdogan argumentou que a reforma constitucional vai permitir estabilizar a Turquia, mas o "sim" venceu por uma margem bastante pequena. Que consequências pode ter na Turquia esta divisão entre os turcos?

RM – Victor Ângelo:
"A vitória de Erdogan é uma vitória muito curta. Ele venceu por um unha negra. Isto significa, fundamentalmente, que a Turquia está extremamente dividida e que, sobretudo, as populações mais modernas, as populações das grandes cidades, como Istambul, Ancara e Izmir são contra o projecto de Erdogan e são contra o abuso de poder que ele representa. Por isso, nós vamos assistir, nos próximos tempos, por um lado, ao reforço da autoridade de Erdogan, no sentido de poder absoluto, e, por outro lado, vamos assistir à continuação da radicalização da sociedade turca. Ou seja, temos uma Turquia muito dividida e muito radical na maneira como cada lado vê o lado oposto."

A Comissão Europeia emitiu um comunicado em que apela às autoridades turcas que "procurem o maior consenso nacional possível" aquando da implementação das reformas constitucionais. Que impacto é que estas mudanças na Turquia podem ter nas relações entre Ancara e Bruxelas?

RM – Victor Ângelo:
"Para a Europa, o que se está a passar na Turquia, e sobretudo o referendo, é uma situação dramática. Nós já tínhamos uma raposa no galinheiro do Ocidente, agora passamos a ter um lobo. Isto significará que a questão da continuação das discussões da adesão da Turquia à União Europeia não faz sentido neste momento. E, por outro lado, há a grande preocupação em relação aos refugiados: qual vai ser a posição de Erdogan em relação ao acordo que a Turquia estabeleceu com a União Europeia relativamente à questão dos refugiados e dos candidatos à emigração. Eu penso que Erdogan vai fazer imensa pressão sobre a União Europeia, com base nesse acordo, e vai provavelmente dizer que o acordo só continuará se a questão dos vistos – quando os cidadãos turcos querem visitar a Europa – for resolvida. É uma questão fundamental."

Depois de conhecidos os resultados do referendo, Erdogan voltou a falar na possibilidade de se realizar um referendo sobre a reposição da pena de morte no país... Victor, perante um eventual "sim" nesta questão, e também perante a reforma constitucional agora viabilizada, quais é que são as probabilidades de a União Europeia ceder a essas exigências da Turquia em relação aos vistos ou mesmo em relação a uma adesão ao Bloco?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que em relação aos vistos é provável que haja algum progresso e, provavelmente, será a única concessão que a União Europeia fará em relação aos turcos. Quanto à continuação das discussões sobre a adesão à União Europeia, mesmo que haja alguns dirigentes da União que gostariam que a discussão continuasse, a grande maioria das populações europeias está neste momento contra essa adesão, e eu penso que vai ser muito difícil aos líderes europeus conseguir continuar com essa agenda. A imagem de Erdogan e do grupo que está no poder na Turquia neste momento é muito má na Europa. É uma imagem que, por um lado, está associada à palavra 'ditadura', e, por outro lado, está associada também à expansão das ideias islâmicas. E eu penso que esse tipo de questões não é nada favorável de momento junto da opinião pública europeia."

Noutras edições do Magazine Europa o Victor alertou para os riscos da realização de referendos, hoje em dia... Por outro lado, resultados como os deste domingo colocam em causa a democracia... A democracia é um sistema de governo que enfrenta cada vez mais desafios?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que sim. Há neste momento um ataque vindo dos populistas – e certamente Erdogan é um populista – contra a democracia, utilizando, digamos assim, a chamada democracia directa, nomeadamente os referendos. Nós estamos a perder em termos de democracia representativa e estamos também a perder em termos de equilíbrios de poder. A velha teoria de que era preciso equilibrar o poder executivo com o poder legislativo e um poder judicial forte está cada vez mais afastada dos populistas. Os populistas são contra esse tipo de questões. Fazem um apelo directo às populações – através dos referendos –, aos sentimentos profundos de medos e de paixões, digamos assim, que animam as populações, e acabam por aproveitar essas consultas directas para ter poder absoluto. Ou seja, estamos numa situação em que a democracia directa e, nomeadamente, a grande vontade que as pessoas têm de participar no dia-a-dia das decisões políticas – e isso resulta da expansão da Internet, do acesso à informação –, acabam por ser aproveitados por indivíduos que têm tendências ditatoriais e que acabam por dominar não só poder executivo, mas também os juízes, os militares, as polícias e, no caso da Turquia, também os meios de comunicação social."

Na Hungria, milhares de estudantes saíram à rua em Budapeste, em protesto contra uma nova legislação que estabelece restrições à atribuição de licenças a instituições do ensino superior estrangeiras no país.

Os manifestantes entendem que o diploma aprovado recentemente no parlamento pode ditar o fim da Universidade Central Europeia, em Budapeste, uma universidade fundada pelo milionário americano Georges Soros, nascido na Hungria.

O Governo liderado por Victor Orban já veio dizer que esse não será necessariamente o caso, mas não convenceu os cidadãos. Nem a União Europeia.

Frans Timmermans, Vice-Presidente da Comissão Europeia, anunciou que Bruxelas vai investigar se as novas regras na Hungria são compatíveis com a legislação do Bloco:

RM - Frans Timmermans:
"A legislação sobre o ensino superior, recentemente adoptada, está a preocupar muitas pessoas na comunidade

académica da Europa, bem como políticos na Europa e no exterior. É entendida por muitos como uma tentativa de encerrar a Universidade Central Europeia. [...] Precisamos de concluir rapidamente uma avaliação jurídica profunda sobre a sua compatibilidade com a livre circulação de serviços e a liberdade de estabelecimento de instituições, bem como com as regras da União Europeia sobre admissão de investigadores oriundos de países terceiros."

Victor, qual é o alvo do governo de Victor Orban com estas mudanças no ensino superior?

RM – Victor Ângelo:
"Victor Orban controla o parlamento, controla a justiça e controla a comunicação social, mas não controla uma boa parte da sociedade e, nomeadamente, não controla a juventude e os intelectuais. E ele precisa de controlar, porque é a maneira de ver o poder que ele tem; ele inspira-se naquilo que Vladimir Putin nos ensina: que o poder do Chefe tem de ser um poder absoluto. E, por outro lado, Victor Orban tem eleições gerais em 2018 e precisa que, nessas eleições gerais, o apoio ao seu partido aumente substancialmente. Ele neste momento está a governar o país com apenas 30 por cento dos votos – é uma base eleitoral insuficiente – e muitas destas medidas que ele está a tomar e que são apresentadas como medidas de nacionalismo húngaro – e o nacionalismo húngaro é uma tecla que toca em muitos corações da Hungria –... ele ao apostar no nacionalismo húngaro está a investir no seu poder absoluto e a tentar ganhar as eleições de 2018 com uma margem muito maior do que a que ele tem actualmente."

O que representam estas alterações para a liberdade académica na Hungria?

RM – Victor Ângelo:
"Representam muito, porque, na realidade, Victor Orban está a violar vários princípios que são princípios de base da União Europeia, nomeadamente os princípios de pluralismo, o princípio da liberdade de expressão e da liberdade de pensamento, e também as questões de tolerância, as questões de igualdade entre os homens e as mulheres, e as questões dos direitos humanos. Na realidade, Victor Orban está a violar a maior parte dos princípios que constituem o artigo 2.º do Tratado da União Europeia, que é um artigo muito importante em termos da definição de quais são as bases valorativas em que se baseia a União Europeia."

A União Europeia reagiu; diz que vai investigar o caso. O que é que Bruxelas pode fazer?

RM – Victor Ângelo:
"Bruxelas vai intensificar o diálogo político com Budapeste. Eles vão continuar as críticas a Victor Orban. Vão tentar coordenar também melhor com os Estados Unidos, porque os Estados Unidos, por causa desta questão da universidade, também têm sido muito críticos de Victor Orban, porque eles vêem o ataque como um ataque a um dos grandes cidadãos dos Estados Unidos, que é Georges Soros. O curioso é que Victor Orban pertence à maior família política europeia, que é o Partido Popular Europeu, e por isso os dirigentes dessa família, nomeadamente Angela Merkel ou Juncker, vão, em certa medida, não estar no centro das atenções quando se tratar da crítica a Victor Orban. A crítica a Victor Orban vai continuar a ser feita pelo Vice-Presidente da Comissão Europeia, que é Frans Timmermans, pela razão muito simples que ele está mais à vontade para fazer esse tipo de críticas, na medida em que pertence à família socialista europeia e não à família do Partido Popular Europeu."

Os Chefes de Estado e de Governo dos Países do Sul da União Europeia reuniram-se na semana passada, em Madrid.

É o terceiro encontro do género desde o ano passado. O jornalista Hugo Pinto, da Rádio Macau, dá-nos conta de alguns dos pontos que resultaram desta reunião:

RM – Hugo Pinto:
"Os Chefes de Estado e de Governo do Chipre, França, Grécia, Itália, Malta, Portugal e Espanha dizem querer trabalhar juntos para a construção de uma União Europeia 'forte e unida'.
Na declaração conjunta aprovada depois da reunião da semana passada em Madrid, os dirigentes destas nações do sul da Europa reafirmam 'a importância de reforçar a cooperação no Mediterrâneo com os países africanos' e insistem que 'a migração exige um planeamento global'. Defendem também que a política migratória da União Europeia deve assentar na partilha das 'responsabilidades e solidariedade'.
Os Países do Sul alertam também para a necessidade de fazer da luta contra o desemprego uma prioridade. Uma das medidas necessárias, dizem, é reforçar o investimento na educação e na formação profissional.

Os dirigentes destes países apelam à 'rápida conclusão' da União Bancária e, em matéria de segurança, lembram a necessidade de prevenir a radicalização."

Victor, esta declaração não parece trazer surpresas... O que representam estes encontros dos Países do Sul da Europa? São um sinal de uma divisão norte-sul no espaço europeu?

RM – Victor Ângelo:
"Bom, a reunião de Madrid, e estas reuniões do Sul da Europa, mostram que a Europa é constituída por vários espaços geopolíticos. E certamente o espaço geopolítico do Sul é um espaço importante. A verdade é que países com governos de diferentes famílias políticas reúnem-se periodicamente – e reuniram-se pela terceira vez agora em Madrid – para discutir questões consideradas comuns. A verdade é que a reunião de Madrid mostrou que este tipo de países apoia fortemente a União Europeia, é pelo reforço do Euro, está extremamente preocupado com a questão das migrações, sobretudo porque dois desses países – nomeadamente a Itália e a Grécia – são as portas de entrada dos migrantes e dos candidatos a refugiados; e, por outro lado, são países que estão também, em termos económicos, alguns deles, em situação relativamente difícil, e, por isso, estas reuniões permitem voltar a insistir na convergência económica dentro da União Europeia, na questão da União Bancária – e nomeadamente na criação, tão rapidamente quanto possível, de um sistema europeu de garantia dos depósitos, bancários – e também na convergência social, que é um tema que o nosso Primeiro-Ministro, António Costa, trouxe para a reunião, e sobre o qual falou longamente."

Estas reuniões – já vamos na terceira desde Setembro do ano passado – indicam que o eixo Berlim-Paris pode estar em queda?

RM – Victor Ângelo:
"O eixo Berlim-Paris sofreu bastante com as dificuldades que François Hollande teve em França. O facto de que ele perdeu imensa popularidade e acabou por ser um presidente francês relativamente fraco em França não lhe permitiu ter uma acção mais activa ao nível europeu. Por isso, o eixo tradicional, o eixo forte que mantém a União Europeia unida, o eixo entre Berlim e Paris, sofreu bastante. Vamos ver o que vai acontecer depois das eleições francesas que começam no próximo fim-de-semana. Se o candidato que vier a ser eleito for um candidato pró-europeu, é evidente que o eixo Berlim-Paris será novamente reforçado, mas Paris vai continuar a

jogar em várias frentes e nomeadamente na frente dos países da Europa do sul. A França faz a ponte, digamos assim, entre as diferentes regiões geopolíticas da Europa."

A análise de Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.

A fechar, falamos-lhe de Emma Morano, que era, até há dias, a pessoa mais velha do mundo.

A italiana morreu na semana passada com 117 anos. Era a última pessoa do mundo a ter nascido no século XIX.

Emma Morano sobreviveu a duas guerras mundiais e assistiu a 90 governos diferentes na Itália.

A idosa atribuía a longevidade aos genes e a 90 anos a consumir três ovos por dia – dois deles crus.

A pessoa mais velha do mundo é agora uma mulher jamaicana nascida em 1900.

Até para a semana!

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Sofia Jesus, a análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do Projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões expressas neste magazine não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.